

## A SIMBOLIZAÇÃO DA RESISTÊNCIA POLÍTICA NO DISCURSO APOCALÍPTICO JOANINO: MITO E LIBERTAÇÃO NO ALVORECER DO CRISTIANISMO

Jair Rodrigues Melo<sup>1</sup>, UNICAP-PE.

### Resumo

O presente artigo versa sobre o processo de simbolização da resistência política presente no discurso apocalíptico joanino. Propõe-se analisar as relações entre a realidade simbólica produzida pelo discurso apocalíptico joanino e a resistência política da comunidade do “discípulo amado” diante da opressão do Império Romano no alvorecer do cristianismo. Nesse sentido, a partir de uma metodologia de natureza bibliográfica, o presente artigo fomenta uma reflexão crítica entre o texto e contexto da apocalíptica joanina, embasada nos pressupostos teórico-metodológicos da hermenêutica bíblica contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura apocalíptica. Império Romano. Novo Testamento. Resistência sociorreligiosa.

### 1 INTRODUÇÃO

O Apocalipse de São João é um dos livros mais lidos e também mais comentados desde a sua origem e se constitui uma das obras bíblicas mais enigmáticas, pela sua linguagem e simbologia (TUÑI; ALEGRE, 1999, p. 191). O espectro simbólico que subsidia o discurso apocalíptico joanino levou o Apocalipse a ser considerado como uma “literatura de resistência”, uma vez que, por trás da linguagem simbólica, está toda uma crítica ao contexto sociopolítico conflitivo experienciado pelos primeiros cristãos.

Essa visão apocalíptica que propugna uma interpretação hierofanizada e mítica do poder temporal está subsidiada numa situação social precária, real e factual, mas que no cerne do discurso apocalíptico joanino está orientada para a produção simbólica de uma realidade que vem cumprir plenamente a expectativa de libertação das pessoas.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, na linha de pesquisa: Tradição Judaico-Cristã, Cultura e Sociedade. E-mail: fmpadrecicero@hotmail.com

De acordo com Tuñi e Alegre (1999, p. 192) “hoje em dia o Apocalipse recuperou a sua atualidade, sobretudo entre as comunidades cristãs perseguidas por sua fé e por sua fidelidade ao evangelho”. Apesar de ser considerado por especialistas como um dos livros mais difíceis do Segundo Testamento, o Apocalipse goza do apreço de diversas comunidades cristãs que ainda hoje encontram nele força para alimentar a esperança que alude à vitória de Cristo sobre o mal.

Assim sendo, torna-se pertinente uma hermenêutica do discurso apocalíptico joanino subsidiada pela compreensão do processo de simbolização da resistência dos cristãos da comunidade do “discípulo amado” em relação à dominação do poder político do império romano na segunda metade do século I, enfatizando uma abordagem do Apocalipse engajada com as problemáticas de seu tempo.

## **2 CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO DA COMUNIDADE JOANINA NA ÁSIA MENOR NO SÉCULO I**

Antes de tornar-se província do Império Romano, a Ásia Menor fazia parte do reino dos selêucidas. Era composta por uma vasta região compreendida pela parte oriental da atual Turquia e tinha como cidade mais importante Esmirna. A partir de 133 a.C. passou a ser província romana sendo composta de maneira especial pelas regiões de Mísia, Lídia, Cária e Frígia.

Na Ásia Menor estava situada a comunidade joanina. Essa que era formada por judeu-cristãos. Pode-se afirmar que ela estava significativamente enraizada no judaísmo (TUÑI; ALEGRE, 1999, p. 129), porém com uma abertura também a outros grupos judaicos como samaritanos e Qumrán.

A comunidade joanina enfrentava, de forma especial, na segunda metade do século I, muitas dificuldades internas e externas, como exemplo, pode-se citar além da opressão dos imperadores romanos, divisões internas, fomentação de doutrinas consideradas falsas, conflitos com os judeus e até mesmo com cristãos que não coadunavam com algumas atitudes da comunidade. Além disso, havia dentro dela própria, grupos divididos entre si (BROWN, 1999, p. 22.). Nesse sentido, muitos desanimaram na caminhada, enquanto outros resistiram à turbulência alimentando a esperança de libertação.

O elevado apreço que a comunidade possuía pela divindade de Jesus, contribuiu para o aumento dos antagonismos internos e externos:

Muito deste reconhecimento mostra uma comunidade cuja avaliação de Jesus era aguçada pela luta, e cuja elevada apreciação da divindade de Jesus levava a antagonismos fora da comunidade e a cismas dentro dela. Se a águia joanina pairava por sobre a terra, ela o fazia com as garras de fora preparadas para a luta. E os últimos escritos que nos ficaram mostram os filhotes da águia dilacerando-se mutuamente pela posse do ninho. Há momentos de contemplação tranquila e de penetração iluminada nos escritos joaninos, mas eles também refletem um envolvimento profundo na história cristã. Como Jesus, a palavra transmitida à comunidade joanina vivia na carne. (BROWN, 1999, p. 23).

De forma especial entre os anos 60 e 100 do século I d.C., o cristianismo passou para uma nova etapa de sua história, contextualizada pela morte dos apóstolos, a guerra dos judeus contra Roma, a destruição do Templo de Jerusalém, e a concretização da separação da religião cristã em relação ao judaísmo. Nesse sentido, um dos grandes desafios enfrentados consistiu na perseguição sistemática empreendida por imperadores romanos, nesse momento, especialmente Nero (54-68 d.C.) e Domiciano (81-96 d.C.), que tentaram a todo custo impor aos cristãos o culto imperial. Dentro desta perspectiva, assim se expressa Henrique Cristiano José Matos:

Os cristãos encontram hostilidade e perseguição por parte dos judeus e, às vezes, da população pagã, que estranha a religião cristã, aparentemente sem templo e sem deuses. Sob os imperadores Nero (54-68 d.C.) e Domiciano (81-96 d.C.), que reivindicavam para si mesmos um culto divino, os problemas aumentam, especialmente em algumas regiões onde os cristãos são mais numerosos e o culto imperial está mais desenvolvido. O livro do Apocalipse reflete esta situação e rejeita como diabólicas as pretensões do império. (MATOS, 1997, p. 55).

Além da grande tributação, forma clássica de submissão econômica nas sociedades antigas, o culto imperial era um dos meios mais recorrentes nos meandros da legitimação da magnificência religiosa do imperador. Somado a isso, havia um fator que tornava essa relação ainda mais problemática: naqueles tempos, religião e política eram consideradas duas faces de uma mesma moeda e o culto se manifestava como parte essencial da política imperial (ARENS; MATEOS, 2000, p. 72). Pelo zelo que os cristãos tinham em relação ao culto ao Deus único, não aceitavam essas determinações do Império e rejeitava a concepção do imperador

como deus, o que contribuiu para aumentar as hostilidades entre muitos cristãos e as autoridades de Roma, bem como dos grupos já conformados ao seu poder político.

Mediante a opressão empreendida pelo Império, os cristãos buscaram formas de resistência que visavam a preservar a unidade e a identidade religiosa do cristianismo nascente e os textos que surgiram das comunidades cristãs serviram para alimentar a esperança de dias melhores, bem como para o fortalecimento da fé.

### 3 CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA APOCALÍPTICA JOANINA

A literatura apocalíptica joanina surgiu como uma mensagem que “visava animar os primeiros cristãos perseguidos e martirizados por causa da fé. É uma mensagem de esperança para essas comunidades, baseada na fé em Jesus Cristo ressuscitado” (GORGULHO; ANDERSON, 1981, p. 9).

Um dos pontos básicos para a compreensão de uma determinada obra é a análise de seu gênero literário, pois esse diz muito acerca do propósito do autor, de seu mundo ideológico e evidencia suas preocupações e interesses (ARENS; MATEOS, 2000, p. 123). Por esse viés, o conhecimento do gênero literário do apocalipse é condição fundamental para um estudo sério da obra.

O gênero apocalíptico se manifesta como literatura de revelação, a partir de uma configuração narrativa, na qual o conteúdo da revelação é emitido por meio de um ser do outro mundo para um destinatário humano, sendo concomitantemente de natureza temporal ao passo que alude a uma salvação escatológica e espacial à medida que se relaciona com outro mundo, sobrenatural (COLLINS, 1979).

De acordo com Collins *apud* Arens e Mateos (2000, p. 125), o gênero apocalíptico pode ser caracterizado por cinco elementos fundamentais:

- a) narração dramática e com linguagem simbólica;
- b) apresentação de grandiosa série de revelações a um determinado homem;
- c) utilização de visões e elucidações;
- d) mediação de algum personagem do outro mundo;
- e) manifestação de realidades transcendentais de alcance escatológico, com referências à salvação e ao destino do mundo.

As narrativas expressas no apocalipse de João carregam uma abundante variedade simbólica que não supera nenhum outro livro do Segundo Testamento. Segundo ARENS e MATEOS (2000, p. 39-43), o universo da linguagem simbólica do Apocalipse pode ser assim categorizado:

**Caracterização da linguagem simbólica do apocalipse**

<b>NATUREZA DO SÍMBOLO</b>	<b>SUBSTRATO SEMÂNTICO</b>	<b>EXEMPLO NO TEXTO APOCALÍPTICO</b>
Numéricos	Evocam expressões numéricas	Ap 1, 12; 13,18
Cromáticos	Associados à utilização de cores	Ap 19, 11; 6,4; 12,3
Pteriomórficos dos animais	Animais representando ações humanas	Ap 10,3
Cósmicos	Sinais da natureza como teofania	Ap 6,13; 12,4
Cultuais	Relacionados ao culto e liturgia	Ap 8,5; 14,1
Antropológicos	Abarca aspectos típicos da cultura humana	Ap 6,10; 18,24

**Fonte:** Arens e Mateos (2000, p. 39-43)

Nesse sentido, a linguagem predominante no Apocalipse é a linguagem conotativa, ou seja, não literal, figurada. Dessa forma a mensagem apocalíptica se relaciona mais com a emotividade do que com a racionalidade, mais com a linguagem dos sonhos do que com os critérios de inteligibilidade das sociedades ocidentais contemporâneas. Além disso, pode-se afirmar, de acordo com Tuñi e Alegre (1999, p. 200), que a principal fonte da simbologia apocalíptica é o Primeiro Testamento, sobretudo os textos do Êxodo, de Ezequiel e de Daniel. Nesses textos é perceptível o pano de fundo social marcado pelas ações libertadoras de Deus no contexto da escravidão no Egito, do exílio na Babilônia e da opressão selêucida.

**4 A SIMBOLIZAÇÃO APOCALÍPTICA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA**

A mensagem apocalíptica, como já mencionada, é estruturada tendo por base uma linguagem cifrada, rica em símbolos pertencentes ao imaginário judaico-cristão. Essa linguagem, além de estar pautada por elementos textuais típicos da literatura apocalíptica se constitui como uma literatura de resistência à dominação romana.

Dentro dessa perspectiva, pode-se indagar a respeito das causas e consequências desse processo de construção simbólica da resistência política, ou seja, por que o discurso apocalíptico joanino critica o poder político do império romano através de uma linguagem simbólica e enigmática? Quais os significados dessa simbolização para os cristãos da comunidade joanina? Até que ponto essa forma de resistir à opressão influenciou a vida religiosa dos membros da comunidade do “discípulo amado?”

Sabe-se que o processo de simbolização é elemento fundamental da cultura. O homem transcende sua experiência mediante sua inserção no mundo simbólico. De acordo com Leslie White, antropólogo norte-americano contemporâneo, o que marcou a passagem do estado animal para o humano foi justamente a capacidade de gerar símbolos:

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos... toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. O comportamento humano é comportamento simbólico... E a chave deste mundo, e o meio de participação nele, é o símbolo. (WHITE *apud* LARAIA, 2005, p. 55).

A produção simbólica confere sentido à experiência humana, levando as pessoas a participarem de uma rede de significados que são compartilhados por todos que aceitam, convencionalmente, aqueles símbolos como integrantes da identidade de seu grupo cultural.

Por essa perspectiva, pode-se depreender que a simbologia apocalíptica compartilhada pelas comunidades a que se destinava a mensagem do Apocalipse de São João, confere sentido próprio ao modo de experienciar o poder imperial romano por parte dos cristãos. A linguagem simbólica apocalíptica parecia ir ao encontro dos anseios mais profundos da comunidade joanina e isso pode ser possível pela própria natureza da linguagem simbólica, uma vez que “o símbolo é, pois, o signo enquanto unidade semântica, que não se esgota numa referência direta e imediata a um determinado objeto” (NUNES, 1999, p. 35).

Assim sendo, o discurso apocalíptico joanino tinha a possibilidade de penetrar profundamente em diversos âmbitos da vida cristã no alvorecer do cristianismo,

levando os cristãos a buscarem fortemente a construção de um mundo diferente, pautado numa fé firme e madura em relação aos ensinamentos de Cristo. Com esse viés, pode-se afirmar que:

O Apocalipse surge nesse contexto e quer ser uma resposta para as dúvidas das comunidades; quer ser um estímulo para a fé e uma ajuda para resistirem às perseguições; é também um exame de consciência sobre a vivência da fé pessoal e comunitária; é ainda um apelo para o cristão conservar-se fiel na provação e lutar por um futuro melhor. Esse futuro deve ser construído com a luta e com a resistência no presente. Não se pode perder a coragem! (STRABELI 1992, p. 8).

Dessa forma, com uma tessitura simbólica marcada pela reação ao poder político vigente, o discurso apocalíptico joanino corrobora a luta pela libertação, fortalecendo a unidade e a identidade do povo cristão, e alimentando-lhe a esperança do fim da perseguição e da morte. No entanto, o conteúdo dessa mensagem não vem de uma linguagem doutrinal e impositiva, mas da própria experiência dos “mais fracos”. Nesse sentido, é pertinente elucidar que:

O valor da linguagem dos símbolos está naquilo que é evocado e sugerido. Não é a linguagem doutrinal dos conceitos bem definidos, das fórmulas bem elaboradas, do cálculo ou do conhecimento exato. A linguagem doutrinal procura definir com clareza os contornos da verdade, enquanto a linguagem simbólica conduz à fonte da verdade. A linguagem doutrinal reflete o pensamento da autoridade, enquanto a linguagem simbólica expressa a vivência dos pobres. Sai do silêncio e conduz ao silêncio. É a linguagem dos que não dominam o vocabulário e recorrem à imaginação. É a linguagem da poesia, da atitude sapiencial mais solta, da mística, da contemplação, da celebração, do amor. Convém ler o Apocalipse como se contempla uma pintura, se assiste a um teatro, se conversa com um amigo. (CEBI, 2000, p. 96).

Por esse viés, de acordo com Tuñi e Alegre (1999, p. 198), todos os símbolos utilizados por João possuem “uma função eminentemente religioso-política”. Ao mesmo tempo em que se anuncia a boa notícia de que o império opressor cairá, exorta-se para que leitor persevere nas práticas cristãs e alimente suas esperanças em Cristo.

Ao aprofundar sua tradição religiosa, os membros da comunidade joanina “desmascaram o imperialismo” e anunciam a proeminência do poder de Cristo sobre as forças do mal, dando nova vida e novo significado aos sofrimentos vivenciados

pelos cristãos no alvorecer do cristianismo (HOWARD-BROOK; GWYTHYR, 2003, p. 13).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de compreensão da literatura apocalíptica joanina, deve estar pautado pelas experiências do contexto no qual surgiu a obra. Esse contexto foi notadamente marcado por uma realidade sociopolítica conflitiva para a comunidade joanina, que vê, na linguagem apocalíptica, uma forma de resistir às afrontas do poder opressor do Império Romano.

Nesse sentido, as produções simbólicas presentes no apocalipse alimentam a esperança da vitória de Cristo sobre o poder do mal. Mas, é notório que, enquanto os fiéis aguardam a nova vinda do Cristo salvador, antecipam o gozo da libertação nos símbolos, sonhos e utopias da apocalíptica.

### THE SYMBOLIZATION OF POLITICAL RESISTANCE IN THE JOHANNINE APOCALYPTIC DISCOURSE: MYTH AND RELEASE THE DAWN OF CHRISTIANITY

#### Abstract

This paper discusses the process of symbolization of political resistance in this Johannine apocalyptic discourse. It is proposed to analyze the relationship between the symbolic reality produced by the apocalyptic discourse Johannine and political resistance of the community of the "beloved disciple" in the face of oppression of the Roman Empire at the dawn of Christianity. In this sense, from a bibliographical nature methodology, this article encourages a critical reflection between text and context of the Johannine apocalypse, based on theoretical and methodological assumptions of contemporary biblical hermeneutics.

**Keywords:** Apocalyptic literature. Roman Empire. New Testament. Resistance religious social.

## REFERÊNCIAS

- ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. **O Apocalipse**: a força da esperança. Estudo, leitura e comentário. São Paulo, Edições Loyola, 2004. 384 p.
- AUNE, David E. **La profecía nel primo cristianesimo e il mondo mediterraneo antico**. Brescia: Paideia, 1996. 725 p. (Biblioteca di storia e storiografia dei tempi biblici).
- BORTOLINI, José. **Como ler o Apocalipse**: resistir e denunciar. São Paulo: Paulus, 1994.
- BROWN, Raymond E. **A comunidade do discípulo amado**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1992.
- CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS – CEBI. Evangelho de João e Apocalipse. Roteiro para reflexão IX. São Paulo: Cebi/Paulus, 2000. 146 p.
- COLLINS, J. J (Ed.) **Apocalypse**: the Morphology of a Genre. Missoula: Sholars Press, 1979, p. 1-20, esp. 9. (Semeia 14)
- GORGULHO, G. S.; ANDERSON, Ana Flora. **Não tenham medo**: Apocalipse. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1981.
- GRELOT, Pierre. **Regole e tradizioni del cristianesimo primitivo**. Casale Monferrato (AL): Ed. Piemme, 1998. 381 p.
- HEIM, Manfred. **Introduzione alla storia della Chiesa**. Torino: Giulio Einaudi, 2002. 293 p. (Piccola Biblioteca Einaudi, Nova serie, Storia e geografia).
- HOORNAERT, Eduardo. **Cristãos da Terceira Geração (100-130)**. Petrópolis: Vozes, 1997. 142 p.
- \_\_\_\_\_. **Origens do Cristianismo**: uma leitura crítica. Brasília: Editora Ser, 2006. 181 p.
- HOWARD-BROOK, Wes; GWYTHYR, Anthony. **Desmascarando o imperialismo**: interpretação do Apocalipse ontem e hoje. Trad. de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulus, 2003. 348 p. (Coleção Bíblia e Sociologia).
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- MATOS Henrique Cristiano José. **Introdução à História da Igreja**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997. v. 1 e v. 2.
- NESTLE-ALAND (Ed.). **Novum Testamentum Graece et Latine**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994. 810 p.
- NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 1999.
- O'CALLAGHAN, José (Ed.). **Nuevo testamento grieco-español**. Madrid: Biblioteca de autores cristianos - BAC, 1997.
- RICOEUR, Paul. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006.

SINISCALCO, Paolo. **Il cammino di Cristo nell' impero romano**. 6. ed. Roma-Bari: Ed. Laterza, 2007. 355 p. (Coleção: Biblioteca universale Laterza, n. 199).

STRABELI, Mauro. **O Apocalipse**. São Paulo: Ave-Maria, 1992.

TUÑI, Josep Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos joaninos e cartas católicas**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1999. (Introdução ao estudo da Bíblia, v. 8).